

Exercícios Variados Inéditos

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

Exercícios Variados Inéditos

- 1.** Sabemos que, em Hiroshima, morreu um mundo e nasceu outro. A criança de lá passou a ser cancerosa antes do parto. Mas há entre nós e Hiroshima, entre nós e Nagasaki, toda uma distância infinita, espectral. Sem contar, além da distância geográfica, a distância auditiva da língua. Ao passo que o cachorro é atropelado nas nossas barbas traumatizadas. E mais: - nós o conhecíamos de vista, de cumprimento. Na época própria, víamos o brioso vira-lata atropelar as cachorras locais. Em várias oportunidades, ele lambeira as nossas botas.

E, além disso, vimos tudo. Vimos quando o automóvel o pisou. Vimos também os arrancos triunfais do cachorro atropelado. Portanto, essa proximidade valorizou o fato, confere ao fato uma densidade insuportável. A morte do simples vira-lata dá-nos uma relação direta com a catástrofe. Ao passo que Hiroshima, ou o Vietnã, tem, como catástrofe, o defeito da distância.

(Nelson Rodrigues, crônica intitulada O cachorro atropelado, escrita em 13.05.1968)

Interpretando o texto em sua linguagem figurada, responda às seguintes questões:

- a) O que você entende por morreu um mundo e nasceu outro?
- b) O que você entende por “Na época própria, víamos o brioso vira-lata atropelar as cachorras locais”?

- 2.** Leia o seguinte texto:

Os irmãos Villas Bôas não conseguiram criar, como queriam, outros parques indígenas em outras áreas. Mas o que criaram dura até hoje, neste país juncado de ruínas novas.

Que prática brasileiras é criticada no trecho “país juncado (=coberto) de ruínas novas”?

- 3.** Viver

Vovô ganhou mais um dia. Sentado na copa, de pijama e chinelas, enrola o primeiro cigarro e espera o gostoso café com leite.

Lili, matinal como um passarinho, também espera o café com leite.

Tal e qual o vovô.

Pois só as crianças e os velhos conhecem a volúpia de viver dia a dia, hora a hora, e suas esperas em desejos nunca se estendem além de cinco minutos...

(QUINTANA, Mário. *Sapato florido*. 1ª reimpressão. Porto Alegre: Editora Globo, 2005)

Explique a semelhança entre a caracterização da vida na infância e na velhice, expressa no texto.

4. O soneto abaixo, de Machado de Assis, intitula-se **Suave mari magno**, expressão usada pelo poeta latino Lucrécio, que passou a ser empregada para definir o prazer experimentando por alguém quando se percebe livre dos perigos a que outros estão expostos.

Suave mari magno

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenando morria
Um pobre cão.
Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio* e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.
Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,
Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

*espúrio: não genuíno, ilegítimo, ilegal, falsificado. Em medicina, diz respeito a uma efemeridade falsa, não genuína, a que faltam os sintomas característicos.

Em vista das reações paradoxais, justifique o título do poema.

5. Leia a seguinte passagem de **Os Cus de Judas**, de António Lobo Antunes:

Deito um centímetro mentolado de guerra na escova de dentes matinal, e cuspo no lavatório a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda, a minha barba é a floresta do Chalala a resistir ao napalm da gillete, um grande rumor de trópicos ensanguentados cresce-me nas vísceras, que protestam.

(António Lobo Antunes, *Os Cus de Judas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 213.)

- a) A que guerra se refere o narrador?
- b) Por que o narrador utiliza o presente do indicativo ao falar sobre a guerra?

6. Jeca Tatu

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapê. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha a ideia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.

Cava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.

Todos que passavam por ali murmuravam:

- Que grandíssimo preguiçoso!

[...]

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?

Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:

- Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.
- Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?
- É que ele mata.
- E por que você não faz o mesmo?

Jeca coçava a cabeça, cuspiam por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história:

- Quá! Não paga a pena...
- Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam.

(MONTEIRO LOBATO. *Jeca Tatu*. In: *Obras completas de Monteiro Lobato*. Vol 8. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1951, p. 329-331.)

Juca Mulato

Juca Mulato pensa: a vida era-lhe em nada...

Uns alqueires de chão; o cabo de uma enxada; um cavalo pigarço; uma pinga da boa; o cafezal verdoengo; o sul quente e inclemente...

Nessa noite, porém, parece-lhe mais quente, o olhar indiferente, da filha da patroa...

“Vamos, Juca Mulato, estás doido?” Entretanto, tem a noite lunar arrepios de susto; parece respirar a fronde de um arbusto, o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto. Tudo cria uma vida espiritual, violenta.

O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...

“Que diabo!” Volve aos céus as pupilas, à toa, e vê, na lua, o olhar da filha da patroa...

Olha a mata; lá está! O horizonte lho esboça; pressente-o em cada moita; enxerga-o em cada poça; e ele vibra, e ele sonha, e ele anseia, importante, esse olhar que passou, longínquo e indiferente!

Juca Mulato cisma. Olha a lua e estremece.

Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce e ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos, que a alma é como uma planta, os sonhos, como brotos, vão rebentando nela e se abrindo em floradas...

Franjam de ouro, o ocidente, as chamas das queimadas.

(MENOTTI DEL PICCHIA, Paulo. *Poemas*. 6ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954, p. 20-21.)

Os escritores se valem, com frequência, do recurso de atribuir características de seres animados a elementos do meio-ambiente. Após verificar a ocorrência desse recurso no trecho de Juca Mulato,

- Cite uma sequência de versos do poema em que elementos do ambiente parecem assumir características de seres animados;
- Estabeleça a relação existentes entre as características do ambiente assim descrito e o estado de espírito da personagem Juca Mulato.

7. Trovas

*a uma dama que lhe jurara
sempre por seus olhos.*

Quando me quer enganar
a minha bela perjura,
para mais me confirmar
o que quer certificar,

pelos seus olhos mo jura.
Como meu contentamento
todo se rege por eles,
imagina o pensamento
que se faz agravo a eles
não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais
ando já visto e corrente,
sem outros certos sinais,
quanto me ela jura mais
tanto mais cuido que mente.
Então, vendo-lhe ofender
uns tais olhos como aqueles,
deixo-me antes tudo crer,
só pela não constranger
a jurar falso por eles.

(CAMÕES, Luís de. *Lírica*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982, p. 56-57.)

Apresente a justificativa lógica da conclusão a que chega o eu-poemático nos últimos cinco versos do poema de Camões.

8. A questão abaixo toma por base o poema *Lisbon Revisited*, do heterônimo Álvaro de Campos do poeta modernista português Fernando Pessoa (1888-1935).

Lisbon Revisited
(1923)

Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito de sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!
Ó céu azul – o mesmo da minha infância –
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

(Fernando Pessoa, Ficções do Interlúdio/4: poesias de Álvaro de Campos)

Considerando que o advérbio não é uma das palavras mais repetidas ao longo de *Lisbon Revisited*, estabeleça a relação semântica que a repetição dessa palavra tem com a atitude do eu-poemático ante os padrões sociais.

9. A passagem do romance *O País do Carnaval*, de Jorge Amado (1912-2001) é a base para a próxima questão.

O País do Carnaval

- É... – apoiava Jerônimo enrubescendo.
 - E crer... Existem ainda homens inteligentes que creem. Crer... Acreditar que um Deus, um ser superior nos guie e nos dê auxílio... Mas ainda há quem creia...
 - Há...
 - Olhe, Jerônimo, dizem que foi Deus quem criou os homens. Eu acho que foram os homens que criaram Deus. De qualquer modo, homens criados por Deus ou Deus criado pelos homens, uma e outra obra são dignas de uma pessoa inteligente.
 - E Cristo, Pedro Ticiano?
 - Um poeta. Um blagueur. Um cético. Um diferente da sua época. Cristo pregou a bondade porque, naquele tempo, se endeusava a maldade. Um esteta. Amou a Beleza sobre todas as coisas. Fez em plena praça pública blagues admiráveis. A da adúltera, por exemplo. Ele perdoou porque a mulher era bonita e uma mulher assim tem direito a fazer todas as coisas. Cristo conseguiu vencer o convencionalismo. Um homem extraordinário. Mas um deus bem medíocre...
 - Como?
 - Um deus que nunca fez grandes milagres! Contentou-se com multiplicar pães e durar cegos. Nunca mudou montanhas de lugar, nunca fez descer sobre a terra nuvens de fogo, nem parou o sol. Cristo tinha, contra si, esta qualidade: sempre foi mau prestidigitador. [...]
- Jerônimo mudava de assunto.
- Você, Pedro Ticiano, é o homem de espírito mais forte que eu já vi. Com quase setenta anos, ainda é ateu...
 - Ah, não tenho medo do inferno... E, no caso de ele existir, eu me darei bem lá...
 - Você sempre foi meio satânico... É capaz de fundar um jornal oposicionista no inferno. Voltaire, você e Baudelaire no inferno. Que gozado!
- Pedro Ticiano sorria, vendo que Jerônimo não resistia à fascinação da sua palavra. E gostava de derrubar os sonhos daquele homem medíocre e bom, que tinha o único defeito de querer intelectualizar-se.

(Jorge Amado. O País do Carnaval. 30ªed. Rio de Janeiro: Record, 1976.)

Estabeleça, com base no contexto da fala de Ticiano, o que este quer significar com a frase: “Eu acho que foram os homens que criaram Deus.”

10. Soneto

Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.
Em seus lábios que os meus lábios osculam
Micro-organismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra! ...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos
Roída toda de bichos, como os queijos
Sobre a mesa de orgíacos festins! ...

Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!

(Augusto dos Anjos. Eu. 1935.)

Levando em conta a relação lógica “todo vs. parte” ou “parte vs. todo”, defina o sentido da expressão “bocas necrófagas” no décimo terceiro verso do soneto de Augusto dos Anjos.

Gabarito

1. a – Após o ataque dos EUA à Hiroshima, ela passou por modificações tanto no seu território, quanto na sua política.
b – Um país que poderia ser considerado à margem, tinha, na verdade, um certo potencial e incomodava aos que queriam se tornar uma hegemonia mundial.
2. Critica-se a prática do abandono de iniciativas governamentais em andamento, às vezes antes mesmo de sua conclusão ou amadurecimento, sem que tenham sido avaliadas como inadequadas ou ultrapassadas.
3. A vida na infância e a vida na velhice se assemelham quanto ao aproveitamento intenso de cada instante.
4. O título do poema refere-se ao prazer experimentado por alguém quando se vê livre de dores e tormentos causados a outros. Sendo assim, o poema desenvolve a tópica de que a dor alheia causa prazer, exatamente porque quem a contempla não a está sentindo – como a dor de um cão moribundo que despertava prazer nos que passavam.
5. a – À Guerra de Independência de Angola, que opôs a guerrilha local ao exército português, que mantinha o país sob jugo colonial desde o século XVI.
b – A narrativa da guerra se dá em *flash-back*. O trauma das experiências vividas pelo narrador no campo de batalha não foi ainda superado, continuando a atormentá-lo no momento em que as expõe. Para demarcar a persistência dessas lembranças, emprega-se o presente verbal, conseguindo o efeito de envolver o leitor na situação narrada.
6. a – “tem a noite lunar arrepios de susto; parece respirar a fronde de um arbusto, o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto.
Tudo cria uma vida espiritual, violenta.
O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...”
b – O ambiente revela o estado de espírito da personagem Juca Mulato. Ou, em outras palavras, a personagem projeta na Natureza seus sentimentos.
7. Para evitar que a amada jure em falso pelos olhos, que tanto contentamento dão ao poeta, ele “finge” acreditar em suas mentiras.
8. O eu-poemático não aceita os padrões que a sociedade lhe impões. A repetição do **não** tem como intenção enfatizar a recusa do poeta diante dos valores e condutas que lhe são impostos.
9. No contexto, Ticiano expressa a opinião segundo a qual Deus seria uma invenção da inteligência humana.
10. O eu-poemático toma a parte (bocas) para se referir ao todo (vermes/decompositores). Assim, serão os vermes necrófagos que o morderão.